

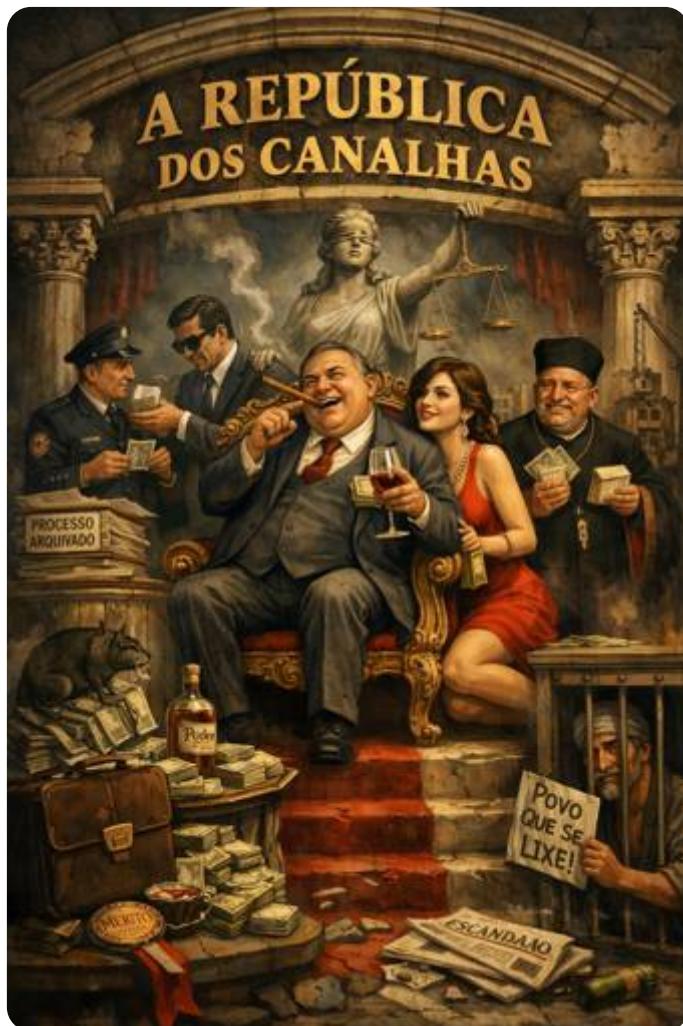
Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

50 Anos de Democracia dos Canalhas: quando o mérito paga e o sistema recebe

Publicado em 2026-02-18 11:57:01



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ser capturada por redes de privilégio.

- Quando a lei é selectiva, o mérito torna-se clandestino.
- Clientelismo não é acidente: é método. E método, repetido, vira regime.
- O cidadão paga duas vezes: em impostos e em humilhação.

50 Anos de Democracia dos Canalhas

Há países onde a lei é o chão comum. E há países onde a lei é um tapete: desenrola-se para alguns e enrola-se para outros. Num deles, a justiça é pilar; noutro, é decoração.

A frase não é de ninguém. É do sistema.

Há uma frase antiga em Portugal, corrosiva, que atravessa décadas como um cheiro que não sai: “**aos amigos, tudo;**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sistema que aprendeu a sobreviver de proximidades, de favores, de portas discretas e de silêncios convenientes.

Um sistema não precisa de proclamar o seu lema. Basta praticá-lo. E quando a prática se repete durante meio século, já não é desvio: é cultura institucional. É um modo de vida político-administrativo que se tornou hábito, e o hábito, como sabemos, é o cimento do império.

O país das duas velocidades: dentro e fora

Há um país “de dentro” e um país “de fora”. O país de dentro fala em reuniões, comissões, nomeações, conselhos, assessorias, “estruturas”, “grupos de trabalho”. O país de fora fala em salários curtos, impostos longos, burocracias infinitas, justiça lenta, serviços públicos a cair e promessas sempre em beta.

No país de dentro, uma falha é “um desafio”. No país de fora, uma falha é uma factura: paga-se em tempo, em dinheiro, em saúde e em futuro. No país de dentro, a responsabilidade dissolve-se em nevoeiro. No país de fora, o cidadão assina, entrega, espera — e se não cumpre, sofre.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O clientelismo é uma tecnologia social. É um algoritmo humano: **dar para receber, prometer para prender, nomear para controlar.** Não exige genialidade; exige repetição. E a repetição, durante cinquenta anos, cria escola.

O resultado é uma democracia com aparato e sem alma: eleições, sim; mas muitas vezes sem consequência real. Voto, sim; mas frequentemente sem punição efectiva do erro, sem responsabilização do desperdício, sem sanção do abuso. Uma democracia que, em vez de premiar competência, aprende a premiar lealdade.

A lei selectiva: o veneno perfeito

Nada destrói mais um país do que a sensação de que a lei não é igual para todos. Porque quando a lei é selectiva, a moral torna-se ingénua. E quando a moral se torna ingénua, os melhores começam a sair — ou a calar.

A lei selectiva tem uma virtude diabólica: **não precisa de ser sempre injusta.** Basta ser injusta o suficiente para que o cidadão sinta o padrão. Basta que existam “casos” demais, coincidências demais, prescrições demais, “complexidades” demais, para que a confiança pública se transforme num animal extinto. E não há narrativas do regime ou da imprensa jornalixo que possam negar este facto

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

regime continuar a "dourar a pílula", mas os factos e a realidade nua e crua, anulam qualquer narrativa de "e a democracia a funcionar" ou que "é a justica a funcionar". Funciona bem sim, mas a proteger os poderosos do povo, o qual exploraram sem vergonha e até criminosamente.

O culto do PowerPoint e a economia do atraso

Em cinquenta anos, Portugal aperfeiçoou uma arte: a da apresentação. O país real pede execução; o sistema entrega slides. O país real pede prazos; o sistema entrega conferências. O país real pede soluções; o sistema entrega “planos” — e o plano seguinte é sempre mais brilhante do que a obra anterior.

Esta “economia do atraso”, da mediocridade e da incompetência, altamente rentável para quem vive dela: quanto mais demora, mais consultorias, mais comissões, mais ajustes, mais excepções, mais intermediações. O atraso torna-se um activo. E um activo, quando dá lucro, não se combate: gere-se.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Chamar-lhe “democracia dos canalhas” é duro — mas é preciso chamar as coisas pelo nome quando o perfume do eufemismo já não mascara o cheiro da realidade. A democracia dos canalhas é aquela em que:

- o mérito é tolerado, mas não é norma;
- a competência é útil, mas só até incomodar;
- o cidadão é “importante”, desde que não exija;
- as regras existem, mas há sempre um corredor paralelo;
- a culpa é sempre difusa e a consequência quase nunca chega.

Como se quebra um ciclo de 50 anos

Não se quebra isto com discursos. Quebram-se ciclos com **mecanismos**. O sistema não melhora com “bons sentimentos”; melhora quando se torna **caro** ser corrupto, **difícil** ser clientelar, e **impossível** esconder a decisão.

- **Transparência total** na contratação pública: dados abertos, rastreio de decisões, auditoria automatizada.
- **Conflitos de interesse** tratados como crime de risco sistémico, não como nota de rodapé.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

audições públicas, avaliação posterior.

- **Protecção real de denunciantes:** sem isto, o silêncio é racional.
- **Medição obrigatória** de resultados em políticas públicas: sem métricas, governa-se por propaganda.

Epílogo: não é o povo que falha — é a arquitectura

O povo não falha por não ser perfeito. Nenhum povo é. O que falha é a arquitectura que permite **que os piores prosperem e que os melhores desistam**. Uma democracia saudável não precisa de santos: precisa de **regras que funcionem mesmo com pecadores**.

E há uma certeza, dura e luminosa: quando um país começa a dizer em voz alta o que durante décadas se disse em surdina, o sistema treme. Porque a verdade, quando se torna pública, deixa de ser um segredo — e um segredo é o oxigénio da canalhice.

A República dos canalhas cai no dia em que o povo deixa de pedir — e começa a exigir.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Enquadramento conceptual (clientelismo, captura

institucional, lei selectiva, corrupção e degeneração democrática). Não se destinam a atribuir frases a indivíduos específicos; destinam-se a iluminar padrões de funcionamento.

1. Clientelismo, patronagem e captura institucional

Literatura académica em ciência política sobre redes de patronagem, “spoils system”, captura de Estado e reprodução de elites administrativas.

2. Corrupção e “rule of law” (lei igual para todos)

Relatórios e indicadores internacionais sobre qualidade institucional, corrupção percepionada, independência judicial e confiança pública (séries anuais e comparações entre países).

3. Contratação pública, transparência e risco sistémico

Guias e boas práticas sobre transparência na despesa pública, dados abertos, auditoria, prevenção de conflitos de interesse e controlo de ajustamentos directos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

percepção de impunidade.

5. Democracia, degeneração e “canalhocracia”

Reflexões filosóficas e políticas sobre a degradação do ideal democrático em regimes de cinismo, irresponsabilidade e normalização do indecente (incluindo debates contemporâneos sobre “democracia formal” vs. “democracia material”).

6. Expressões culturais e imaginário do privilégio

Fontes lexicais/linguísticas sobre expressões populares (ex.: “viver à grande e à francesa”) e o modo como a linguagem cristaliza percepções sociais de ostentação e privilégio.

7. Portugal (1974–2026): governança, reformas e ciclos de modernização falhada

Cronologias, análises jornalísticas e ensaios sobre modernização do Estado, reformas administrativas, descentralização, e ciclos de promessa/adiamento em sectores estratégicos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Nota: “República dos canalhas” surge frequentemente como expressão crítica em crónica política e opinião pública (muito usada no Brasil). As referências abaixo servem para documentar o uso público do termo e a existência de obra publicada com este título.

1. **Livro** — Silvério Ribeiro, *A República dos Canalhas*

(Barbacena, 2018).

Registo/compra (Portal dos Livreiros): https://www.portaldoslivreiros.com.br/livro.asp?codigo=6447688&titulo=A_Republica_dos_Canalhas

2. **Notícia de lançamento** — cobertura local do

lançamento do livro (2018).

Vertentes das Gerais: <https://vertentesdasgerais.com.br/livro-republica-canalhas-e-lancado-oficialmente-em-barbacena/>

3. **Uso em crónica/opinião** — “república dos

canalhas” como rótulo crítico (exemplo).

Veja (Reinaldo Azevedo, 2014): <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/sardenberg-miriam-leitao-os-editores-da-presidencia-e-a-republica-dos-canalhas/>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

blogs.oglobo.globo.com/tauro-jardim/post/republica-dos-canalhas-mas-quem-e-o-canalha.html

Assinatura editorial : **Francisco Gonçalves & Augustus Veritas**

Ler o Livro — Do Trono à Cleptocracia

GitHub Pages

IPFS (IPNS)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)